



FUNDAÇÃO NACIONAL DO
LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Seção Brasileira do International
Board on Books for Young People

iBbY

Notícias 8

Nº.8 Vol. 25 – Agosto de 2003



Bibliotecas escolares e bibliotecas públicas: espaços para formar e manter leitores

Conheça o texto vencedor do Concurso FNLIJ 35 anos



Informe-se sobre o Lectura 2003

O 5º Salão do Livro para Crianças e Jovens, que será realizado de 11 a 21 de setembro de 2003 no Galpão das Artes do Museu de Arte Moderna - MAM/RJ, vai movimentar mais uma vez a agenda cultural do Rio de Janeiro. Escritores e ilustradores de livros de literatura para crianças e jovens estarão participando de lançamentos de livros e de encontros com os leitores, no Espaço de Leitura da FNLIJ. Professores, especialistas em literatura e bibliotecários poderão debater a respeito de temas ligados à educação, à cultura e à formação de leitores, durante o 5º Seminário de Literatura Infantil e Juvenil e Biblioteca, que será realizado nos dias 15 e 16 de setembro. O tema é *Literatura na escola: professores e alunos leitores*. A inscrição poderá ser feita por telefone na FNLIJ.

O 5º Salão do Livro, como os anteriores, tem como objetivo contribuir para a valorização e a promoção da leitura e da escrita, como ferramentas imprescindíveis para uma educação de qualidade.

Desde o ano de 2001 o Salão do Livro da FNLIJ conta com o patrocínio da BR Distribuidora/Petrobras. A Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, a Câmara Brasileira do Livro (CBL), o Sindicato de Editores de Livros (SNEL), a ABRELIVROS e Cia. Suzano, que vêm dando seu apoio desde o 1º Salão do Livro, continuam prestigiando o evento. Todos os estandes das editoras já foram vendidos.

Bibliotecas FNLIJ/BR – A novidade em 2003 é que haverá mais uma biblioteca, esta voltada para os jovens. Nestes espaços privilegiados, crianças e jovens terão liberdade para manusear, ler e consultar os melhores livros publicados no Brasil. Da mesma forma, pais e professores poderão estar em contato com o universo de livros de literatura infantil e juvenil.

Participe!

Para maiores informações, consulte a página da FNLIJ na Internet:

www.fnlij.org.br

Bibliotecas escolares e bibliotecas públicas: espaços para formar e manter leitores

“Toda criança, quando começa a sua vida escolar, deve poder conviver com a biblioteca da escola, lugar de livre acesso para encontros inesquecíveis com os livros e suas fascinantes histórias. É essa oportunidade, presente todos os dias na sua vida, que irá levá-la, quando sair da escola e ingressar no mercado de trabalho, a buscar o local para continuar suas leituras. É a biblioteca pública que garantirá a sua atividade leitora. E isto deve ser apresentado e aprendido na escola, desde cedo, com professores leitores e conscientes da importância social da leitura, da escrita, do estudo e, principalmente, da função da biblioteca como instituição cultural que garanta a educação permanente dos cidadãos.” Elizabeth D’Angelo Serra

Neste tempo de comemorações dos 35 anos da FNLIJ, são diversos os motivos de alegria. Entre estes motivos, queremos destacar a realização de uma meta: a presença, na Bienal do Livro, da Biblioteca da FNLIJ - uma conquista que deve ser incorporada daqui para frente em todas Bienais.

Desde a sua fundação, a FNLIJ tem a proposta de criar e ampliar as bibliotecas em nosso país, bem como colaborar na execução de programas bibliotécnicos e serviços de informação bibliográfica. Uma de suas fundadoras, a bibliotecária Ruth Villela de Souza, grande conhecedora de literatura infantil e juvenil, com sua experiência na organização de acervos, teve a iniciativa de criar um Centro de Documentação, juntamente com as outras

fundadoras, Laura Sandroni e Maria Luiza Barbosa. Hoje, este centro de Documentação - o CEDOP/FNLIJ - possui um dos maiores acervos de LIJ da América Latina. A FNLIJ foi a primeira instituição a divulgar no Brasil o Manifesto das Bibliotecas Públicas (UNESCO, 1994), publicado pela FNLIJ em março de 1995.

E neste número do Notícias, desejamos expressar mais uma vez nosso contentamento, pois os ideais das fundadoras e de todos que durante estes 35 anos contribuíram para o fortalecimento do trabalho desenvolvido pela FNLIJ estão se tornando realidade. Estamos nos referindo aos avanços ocorridos com programas de incentivo à leitura e aos investimentos que estão sendo feitos por parte de órgãos públicos, bem como pela

iniciativa privada, no que se refere à compra de livros de literatura e à criação de bibliotecas escolares, públicas e comunitárias.

Para a FNLIJ, ao lado da formação leitora e escritora de professores, a criação de bibliotecas, a manutenção e a ampliação do acervo das bibliotecas já existentes, bem como a formação de bibliotecários devem ser considerados como prioridades, se desejamos realmente “fazer do Brasil um país de leitores”. A fim de prestigiar e divulgar algumas dessas ações, trazemos aqui alguns exemplos. Desejamos, assim, registrar o aumento do interesse e ações sobre o tema, embora a nossa meta seja de conquistas mais profundas, com uma política de leitura mais objetiva e clara, integrando as áreas de educação e cultura, como apontava Monteiro Lobato.

Biblioteca Escolar: matéria de capa da Revista Nova Escola

“Há um tesouro na escola. Ao alcance de todos, é capaz de operar pequenos milagres em quem se apossa dele. Ele aumenta à medida que transfere sua riqueza (o conhecimento) para um número cada vez maior de professores e alunos. Por isso é preciso descobri-lo, torná-lo parte da vida de todos, melhorá-lo constantemente. Os ganhos são visíveis.” (trecho da reportagem da revista Nova Escola)

“Biblioteca: um tesouro a explorar” – este é o título da reportagem de Ricardo Prado, que foi a matéria de capa da revista Nova Escola de maio. Foi com muita satisfação que vimos a biblioteca como notícia de capa da revista, destacando e fortalecendo a importância das bibliotecas na educação. O autor da reportagem comenta que um cruzamento de dados, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais com base nos resultados de 300 mil estudantes no Sistema Nacional da Educação Básica – Saeb, revela um desempenho quase 20% superior nos colégios em que mais de 75% dos alunos manipulam e lêem regularmente as obras das estantes. Tomando como base essa pesquisa, o diretor de Avaliação do Ministério da Educação, Carlos Henrique de Araújo, afirma que existe uma clara correlação entre a existência e o uso da biblioteca e melhor desempenho escolar, principalmente em Língua Portuguesa.

Mas, infelizmente, os dados não são animadores no que se refere ao número de bibliotecas existentes no país. Entre as 172 mil escolas de Ensino Fundamental, apenas 46

mil contam com biblioteca ou sala de leitura. No Ensino Médio, o quadro melhora, pois 81% das unidades voltadas para essa etapa da educação básica possuem bibliotecas.

Outra constatação da pesquisa é que muitas crianças brasileiras nascem em lares com pouco material escrito. Um em cada quatro alunos de 4ª série, segundo o Saeb de 2001, não tem nenhum livro em casa. Por isso, muitas vezes o professor é o primeiro “leitor” da vida de milhares de meninos e meninas.

A revista Nova Escola destaca a importância da biblioteca do professor, relatando que no município de Marabá, às margens do rio Tocantins, no sul do Pará, diversas escolas têm comunidades de leitores e a hora da leitura está incorporada ao cotidiano. A coordenadora do projeto “Biblioteca do professor” em Marabá – que é um dos núcleos regionais do PROLER – é Francisca Oliveira Lopes Graças. Dos 1,6 mil docentes da rede pública, mais da metade já retirou ao menos um livro. Além de títulos de formação e clássicos da literatura, a biblioteca oferece a possibilidade de criar um “kit literário” com até 30 livros para

serem trabalhados durante uma semana em sala de aula.

Entre as obras de referência citadas na reportagem, está o livro *Biblioteca da escola – direito de ler*, do PROLER/FNLIJ. Para conhecer a reportagem completa, entre em contato com a Revista Nova Escola, uma publicação da Fundação Victor Civita/ editora Abril.

Acesse também o site do professor: www.novaescola.com.br.



Um novo livro básico: *Biblioteca da escola – direito de ler*

Biblioteca da escola – direito de ler. Rio de Janeiro: Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil/ Programa Nacional de Incentivo à Leitura – PROLER/ Fundação Biblioteca Nacional/MinC, 2002.

Esta obra de referência tem por objetivo orientar os educadores brasileiros a criar, manter e tratar, nas escolas, bibliotecas que tenham um acervo de livros de qualidade, num espaço agradável e movimentado, que se constitua num verdadeiro pólo de dinamização da informação e um centro de incentivo à produção do conhecimento. O acesso às bibliotecas escolares e públicas é um direito básico de cidadania.

O livro enfatiza a necessidade e a urgência da criação, manutenção e ampliação das bibliotecas escolares, visando à formação leitora, a fim de garantir a prática da leitura. A biblioteca é o espaço, por excelência, da integração entre a cultura e a educação. A prática da leitura e da escrita é ferramenta imprescindível para a formação de cidadãos críticos, que saibam encontrar com autonomia os caminhos para a

construção de conhecimento.

O papel da escola: formar leitores que possam ter acesso ao conhecimento historicamente produzido pela sociedade, mas que também saibam questionar esse conhecimento, pois vivemos num mundo em contínua transformação.

Para isto, o acesso aos livros, por toda a vida, é fundamental. Portanto, diversas ações do Governo e da sociedade civil precisam estar voltadas para a criação de bibliotecas escolares, de bibliotecas públicas, e para programas de formação continuada dos professores que estejam centrados na formação do professor leitor e escritor.

A importância da biblioteca para a sociedade foi definida por Anísio Teixeira: “Bibliotecas são instituições básicas da educação que antecedem, em verdade, à escola.”

Biblioteca da escola – direito de ler não está à venda e sua tiragem é reduzida, mas ele pode ser solicitado por secretarias, escolas públicas e particulares, universidades e outras instituições. Para ter acesso a essa nova

publicação, os interessados podem entrar em contato com:

Casa da Leitura - Fundação Biblioteca Nacional/Programa Nacional de Incentivo à Leitura. Rua Pereira da Silva, 86, Laranjeiras. CEP 22221-140 - Rio de Janeiro/RJ. Telefones: (0xx21) 2556-5878 e 2556-5926. E-mail: proler@bn.br. Também pode ser solicitada à FNLIJ: fnlij@alternex.com.br.

O livro ficou pronto somente no final do 2002. Como fruto da parceria entre a FNLIJ e o PROLER, a Fundação enviou um exemplar para os comitês do PROLER e outras instituições, com o objetivo de divulgar o trabalho. A partir daí a Casa da Leitura recebeu diversos pedidos oriundos de vários estados brasileiros, solicitando esta publicação, encaminhados por bibliotecários, professores de Ensino Médio e Fundamental, escolas técnicas, universidades e secretarias de educação etc.

Secretaria Municipal de Educação de Goiânia sai na frente e cria um Sistema de Bibliotecas Escolares

A Secretaria Municipal de Educação de Goiânia incluiu em seu plano de ação para gestão 2001/2004 a criação de um Sistema de Bibliotecas Escolares para a Rede Municipal de Ensino. Trata-se de um projeto pioneiro no Brasil, abrangendo os três níveis de atendimento da rede: Educação Infantil; Ensino Fundamental e Educação de adolescentes, jovens e adultos.

As bibliotecas estão sendo criadas ou implementadas dando prioridade a alguns aspectos essenciais: a reestruturação física do espaço e dos equipamentos, a formação continuada de auxiliares de bibliotecas e de professores regentes e o estabelecimento de

diretrizes para política de seleção e aquisição do acervo.

Maria das Graças M. Castro, bibliotecária e votante da FNLIJ, é a responsável pela elaboração deste projeto, que tem como objetivo, entre outros, criar condições para que as bibliotecas se tornem centros dinamizadores da leitura e difusores do conhecimento produzido pela humanidade, em qualquer suporte de informação.

Para o acervo inicial, foram selecionados cerca de 2.800 títulos literários (infantil e juvenil) e informativos nas áreas de Língua Portuguesa, Educação Física, Artes, Ciências Físicas e Biológicas, Ciências sócio-

históricas e culturais e Língua Estrangeira. Para esta seleção, as listas elaboradas pela FNLIJ dos livros considerados Altamente Recomendáveis foram utilizadas com fonte de referência. Este processo seletivo contou com a participação de professores da rede e de professores universitários nas áreas específicas. Além dos livros, as bibliotecas contam com mapas, filmes, revistas, jornais, CD-Rom, DVD, VHS e Internet.

Parabéns à Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, que assumiu corajosamente o desafio de construir uma rede de bibliotecas escolares, a partir de uma proposta de integração da educação e da cultura.

Uma maneira original de promover a idéia da biblioteca

O Departamento de Mídia e Educação da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro produziu um material diferente e original para divulgar suas Salas de Leitura. É um livro de pano, publicado pela MACO, com textos e desenhos, que convida o leitor a uma “viagem” para conhecer as Salas de Leitura Pólo e as Salas de Leitura Satélite que existem na Rede Municipal de ensino. Um criativo marcador de páginas é representado por um aluno de escola pública, que se desloca e participa de diversas atividades, eventos, centro de estudos e muito mais.

As Salas de Leitura da SME/RJ têm como proposta estar sempre integradas aos projetos pedagógicos de cada escola, promovendo minicursos e oficinas, orientação para pesquisas, encontro com autores, empréstimos de livros e outros materiais, exposições, feiras e concursos, sessões de vídeos e debates, rodas de leitura e muito mais. Teatro, música, dança, produção de jornais, de vídeo, de programas de rádio: são múltiplas as atividades que mobilizam alunos e professores nas Salas de Leitura.

Gostaríamos, porém, de comentar que a FNLIJ, apesar de reconhecer e aplaudir o trabalho que vem sendo realizado pela SME no sentido de democratizar a leitura, tem se posicionado junto à SME contra o uso da denominação de “sala de leitura”, em vez de biblioteca. De acordo com o nosso ponto de vista, é freqüentando as bibliotecas escolares que os alunos vão perceber a importância das bibliotecas para a manutenção da sua formação leitora e escritora. Assim, depois de terem concluído sua escolaridade básica, eles irão, naturalmente, buscar as bibliotecas públicas, que lhes proporcionarão a continuidade dessa formação ao longo da vida.



Ecofuturo e FNLIJ: uma parceria de sucesso

A Cia. Suzano de Papel e Celulose, por meio do projeto "Ler é preciso", já é parceira da FNLIJ desde 1999, quando aconteceu o 1º Salão do Livro para Crianças e Jovens e a Suzano apoiou o 1º Seminário de Literatura Infantil e Juvenil. Os pontos de interesse comum entre o trabalho desenvolvido pela FNLIJ e os objetivos do ECOFUTURO se consolidaram com este convênio para a implantação de bibliotecas comunitárias.

As principais diretrizes da FNLIJ contempladas no programa são a qualidade e a variedade do acervo, o diagnóstico sociocultural da comunidade a ser atendida, o programa de capacitação de promotores de leitura – pessoas da comunidade que estimulam e orientam nos potenciais leitores e escritores as práticas de ler e escrever – a capacitação de auxiliares de biblioteca e a avaliação do processo e dos resultados. O acervo de livros é composto por uma parte comum a todas as bibliotecas do programa e outra parte que visa a contemplar a realidade sociocultural da região que terá a biblioteca.



O programa contempla também a inclusão digital, via disponibilização de infra-estrutura de informática e programas de estímulo à leitura (Clube do Ler), à reflexão e à escrita (Concurso de Redação Ler é Preciso).



**FUNDAÇÃO NACIONAL
DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL**

As Bibliotecas Comunitárias Ler é preciso estão sendo concebidas, criadas e mantidas para garantir aos membros das comunidades atendidas o direito à manutenção da prática leitora. Como a continuidade e o intercâmbio são fundamentais, foi criado o CLUBE DO LER, canal de comunicação interativa com os públicos envolvidos direta e indiretamente nas ações (e questões) do Ler é Preciso. A proposta é divulgar novas ações e iniciativas, facilitar o acesso a variadas expressões de cultura, incentivar a leitura e a escrita, fazer parcerias com agentes culturais (editoras, livrarias, teatros, museus, cinemas, etc.), formando, assim, a COMUNIDADE DO LER: pessoas envolvidas com a educação de qualidade para todos e a promoção da cultura no País.

2º Workshop do Projeto Bibliotecas Comunitárias Ler é Preciso

Nos dias 8 e 9 de maio, em São Paulo, o Instituto Ecofuturo, parceiro da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, organizou o 2º Workshop de interlocutores do Projeto Bibliotecas Comunitárias Ler é Preciso. O evento foi iniciado na noite do dia 8 em um espaço mais do que adequado: a livraria Casa de Livros. E para tornar a ocasião ainda mais memorável, o escritor Daniel Munduruku – que recentemente recebeu menção honrosa no Prêmio "Literatura para Crianças e Jovens na Questão da Tolerância", da UNESCO, com o livro **Meu Vô Apolinário – Um mergulho no rio da (minha) memória**, editado pela editora Studio Nobel – realizou uma cerimônia indígena, na qual todos tomaram parte, sem exceção. Em seguida, Daniel falou sobre os costumes indígenas e de que maneira os índios lidam com o afeto, a memória e o tempo, entre outros ensinamentos do "vô Apolinário". O presidente do Instituto Ecofuturo, Marcos Egydio, Christine Fontelles, gerente de Projetos Educacionais e Culturais do Ecofuturo e a secretária geral da FNLIJ, Elizabeth Serra, deram prosseguimento ao evento. A leitura de "Não vá embora, Clarice", de Eloí Elisabete Bochecho, encantou a todos. O texto foi premiado no 1º Concurso "Leia Comigo", da FNLIJ, que em sua segunda edição terá o apoio do Instituto Ecofuturo, consolidando a parceria entre as duas entidades. A fria noite paulistana foi aquecida pela dupla "Trovadores Urbanos" que cantou clássicos da MPB. Logo após, cada um dos presentes recebeu do **Clube do Ler**, do Instituto

Ecofuturo, um exemplar do livro **Meu vô Apolinário**, de Daniel Munduruku, ilustrado por Rogério Borges. No dia seguinte, as atividades começaram cedo e estavam presentes várias entidades parceiras relacionadas com o evento, como a Companhia Suzano / Bahia Sul, o Instituto Ecofuturo, a FNLIJ, o SEBRAE e os parceiros dos municípios com bibliotecas comunitárias "Ler é preciso". Após breve apresentação de cada uma das instituições envolvidas no projeto das bibliotecas, assistiu-se a um vídeo sobre o Parque das Neblinas, reserva ambiental em São Paulo. Posteriormente, Christine Fontelles, do Instituto Ecofuturo, apresentou o Projeto "Ler é Preciso", Liane Muniz comentou sobre o **Clube do Ler** e Elizabeth Serra apresentou um balanço das dez bibliotecas implantadas. A apresentação de cada um dos representantes responsáveis pela articulação, sensibilização e envolvimento das comunidades locais em torno do processo de implantação das bibliotecas comunitárias proporcionou uma visão do conjunto do projeto. Estes representantes são colaboradores da Suzano Bahia Sul, da Polibrasil e da Petroflex e representantes da ONG Cipó, da Bahia. Na apresentação, eles falaram de suas respectivas bibliotecas, suas dificuldades e conquistas, bem como as soluções encontradas, num balanço do ano de 2002. Foi uma importante troca de informações, possibilitando um balanço coletivo do projeto. Também o processo de continuidade do projeto foi discutido, com as contribuições de Liane Muniz, do Ecofuturo,

e Maraney Freire, da FNLIJ, abordando respectivamente, o projeto e as visitas de Monitoramento, que já estão sendo realizadas. Rita Boccato, do Sebrae, esclareceu possíveis dúvidas a respeito das OSCIP (Organização de Sociedade Civil de Interesse Público). Para encerrar o dia, os depoimentos de iniciativas bem sucedidas no âmbito de bibliotecas como a Expedição Vagalume, apoiada pela Suzano, com as "sementes" de bibliotecas na região amazônica, relatadas por Laís Fleury e Sylvia Guimarães; a auxiliar de biblioteca Rosane Ferreira Lara, da Biblioteca Comunitária de Jardim Primavera, no município de Duque de Caxias (RJ) também deu o seu depoimento. Rosane Lara foi convidada pela FNLIJ para participar do workshop, pois a Biblioteca do Jardim Primavera foi criada pelo projeto Biblioteca para Todos, da qual a FNLIJ participou. E os jovens Charles Ramos e Jonas Tavares de Souza, do Instituto Ferdinand Braudel, em São Paulo (SP) contaram aos presentes como, através do Círculo de Leitura, menores têm sua auto-estima recuperada, com o apoio da leitura. (André M. de Moura -FNLIJ)



Recebemos com alegria este texto de Terezinha Saraiva, que é membro do Conselho Fiscal da FNLIJ e há muitos anos vem colaborando com nossa instituição, oferecendo sua experiência de renomada educadora. É mais um presente pelos 35 anos da FNLIJ, que queremos compartilhar aqui com nossos leitores.

Árvore Frondosa

Terezinha Saraiva

No livro nº 1968, fls. nº 27 v., do Cartório José de Segadas Vianna, Tabelião do 6º Ofício de Notas, encontra-se a Certidão de Nascimento, no dia 23 de maio de 1968, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil que, ao completar 35 anos tem uma bela estória de vida para contar, marcada por grandes e importantes realizações e, como acontece com todas as trajetórias, por momentos difíceis que foram sempre superados pela dedicação, persistência e ideal por muitos que presenciaram seu nascimento e por tantos outros que a acompanharam e acompanham ao longo desses fecundos 35 anos.

Recordemos os que testemunharam seu nascimento, no 6º Ofício de Notas: Associação Brasileira do Livro, representada por Antonio Severo Sant' Anna; Associação Brasileira de Educação, representada por Juracy Silveira; Câmara Brasileira do Livro, Centro de Biblioteca do Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais e Sindicato Nacional de Editores de Livros, representados por Propício Machado Alves; Sindicato da Indústria Gráfica do Estado da Guanabara, representado por Ferdinando Bastos de Souza; União Brasileira dos Escritores, representada por Valdemar Cavalcanti.

Com exceção do último que não tive a honra de conhecer, os demais fazem parte da minha relação de amigos, com os quais tive e tenho o privilégio de dividir momentos de vida.

A escritura registra que esses signatários criavam a Fundação “movidos pelo ideal de divulgar e promover estudos e pesquisas sobre todos os aspectos do livro infantil e juvenil, visando favorecer a educação da criança; estimular o autor e o ilustrador de livros infantis e juvenis; colaborar na execução de programas bibliotécnicos e serviços de informação bibliográfica; planejar e executar programas de assistência às instituições vinculadas à indústria gráfica e baratear a produção de livros infantis e juvenis brasileiros.”

Além dos nomes já mencionados, também assinaram a certidão de nascimento da FNLIJ, como fundadores: Péricles dos Santos Madureira de Pinho, Maria Luisa Barbosa de Oliveira, Laura Constância Austregésio de Athayde Sandroni. Esse ato marca uma nova era para a literatura infantil e juvenil brasileira.

A Fundação teve o privilégio de ser bem nascida e bem acompanhada pelos que a fundaram e por outros idealistas que deram as mãos aos primeiros e a cercaram dos cuidados e atenções que merecem todos os seres e organizações em desenvolvimento.

Hoje, aí está, conhecida nacional e internacionalmente pelo trabalho que vem realizando nesses 35 anos de vida ativa e produtiva, sem se afastar um instante sequer dos ideais de seus fundadores. Só não conseguiu, até hoje, uma sede própria para abrigar o maior acervo de livros infantis e juvenis existente no Brasil. Atualmente, ocupa salas cedidas no Palácio da Cultura. A modéstia e a exigüidade de suas instalações não se constituem, em momento algum, empecilho para seu crescimento e sua ação, embora seja inaceitável que os governos, que conhecem seu trabalho e, sobretudo, sua importância para o fomento e difusão da literatura infantil e juvenil, para a formação de público leitor, para o

estímulo aos autores e ilustradores de livros infantis e juvenis, para a socialização do hábito da leitura, para a disseminação, no Brasil e no exterior, das obras brasileiras para crianças e jovens, não tenham ainda despertado para dar-lhe uma sede própria condigna de sua importância, e uma subvenção permanente, o que sem dúvida, ampliaria sua possibilidade de agigantar-se cada vez mais.

A FNLIJ projetou, internacionalmente, os autores e ilustradores de livros infantis e juvenis, que conquistaram prêmios internacionais. Por seu trabalho foi escolhida para ser a seção brasileira do International Board on Books for Young People (IBBY).

Entre os agraciados com o Prêmio Hans Christian Andersen, o maior prêmio na categoria de livros para crianças, temos duas escritoras brasileiras: Lygia Bojunga e Ana Maria Machado, esta última, agora pertencendo à Academia Brasileira de Letras, credenciada por sua obra literária destinada às crianças.

Esse espaço é pequeno para enumerar todas as atividades promovidas pela FNLIJ nesses 35 anos, prosseguindo na obsessão de estimular e divulgar a literatura infantil e juvenil, de fazer de cada criança brasileira um leitor crítico, consciente, perquiridor, buscando com isso disseminar a cultura, aprimorar a educação, fortalecer o domínio da língua portuguesa, patrimônio de uma nação continental unida pelo mesmo idioma.

Na história da FNLIJ, educação e cultura caminham juntas. Na história da FNLIJ, dedicação, devotamento, criatividade, audácia, coragem são marcas próprias das que nela e para ela trabalham. Na história da FNLIJ, além dos fundadores, das entidades mantenedoras, nenhuma pública, é de justiça registrar outros nomes que dela partilharam desde o início de suas atividades, sem esmorecimento: Ruth Villela de Souza, Leni Werneck, Regina Yolanda, Maria Mazzeti, Mariann Pedrosa, Flávia da Silveira Lobo, Celina Rondon. Na década de 70 começaram a surgir os grandes autores e na de 80, os grandes ilustradores, que elevaram à categoria internacional a literatura infantil e juvenil brasileira.

Dois últimos registros: a Editora Ática foi a primeira a ter uma profissional especializada para cuidar da Literatura Infantil. Seu nome: Regina Mariano. Na Bienal de 1978, ela lançou 28 livros em séries para crianças. E aí avultam os nomes de Mary e Eliardo França.

E, finalmente, o registro da perseverança, da competência, da dedicação de Elizabeth D' Angelo Serra, Secretária-Geral da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, incansável em sua luta pela sobrevivência da Fundação, promotora de inúmeros eventos de incentivo à leitura, que tem corajosamente afastado com as mãos e a alma as cercas de espinho, para deixar entrar a luz, o sol, a vida, a fim de que a Fundação continue a crescer, quantitativa e qualitativamente, desabrochando em livros para levar educação, cultura e encantamento às crianças brasileiras.

Para concluir podemos afirmar, já com uma clara perspectiva histórica, que a semente plantada em 1968 transformou-se num a árvore frondosa e frutífera, que tem produzido os frutos dos bons livros e de boa leitura.

(Publicado no jornal Folha Dirigida, em 05/06/2003)

“Despertando o envolvimento das crianças com literatura”

O Concurso FNLIJ 35 anos teve como objetivo promover a leitura literária e contribuir para a formação de professores e educadores e foi inspirado na mensagem do Dia Internacional do Livro Infantil, texto de Ana Maria Machado e ilustração de Rafael Yockteng. A FNLIJ recebeu inscrições de todas as regiões brasileiras. Nesta edição, o Notícias inicia a publicação dos trabalhos vencedores, com o texto classificado em 1º Lugar: “A mascate das almas”, de Caio Silveira Ramos, de São Paulo, capital. Caio é funcionário público e foi também o vencedor do I Concurso Leia Comigo da FNLIJ.

1º Lugar - A Mascate das Almas

Caio Silveira Ramos

A primeira vez que eu vi a velha Cassiana foi numa tarde de pouco sol. Minha solidão era tão dura e oca que eu, sentadinho no degrau sob o portão, achava que o mundo não era muito maior do que a distância que separava nossa casa do armazém do seu Calixto, ou seja, três quarteirões. Claro, eu ouvia falar do mar, dos aviões que cruzavam países, da lua abandonada no céu, mas nada disso eu recriava em forma de brinquedo: minha solidão me cobria os olhos e eu não sabia (pois nunca tinha visto, nem tinham me contado) que existiam sonhos. Sonhos de inventar o futuro, sonhos de sonhar acordado, sonhos de sonhar dormindo. Minhas noites eram nuas, sem vento, sem mar, sem até pesadelo. Noites brancas, de um dormir e um acordar que continham apenas o silêncio da morte.

E pela ausência de sonhos de dia e de noite, eu ficava horas naquele degrau, olhando os muros e portas das casas vizinhas. Mas nesse olhar eu não me dispersava: não entrava pelas fechaduras, pelas janelas, pelos rachados das paredes a imaginar pessoas cantando, formigas levando folhas, ou crianças fabricando inventos. As janelas não passavam de buracos, as paredes eram só tijolos e as fechaduras não continham outros mundos. Eu só olhava sem ver.

Na rua não havia crianças da minha idade e eu ouvia vagamente a palavra “escola” na fala distante de meu pai, mas como ela chegava até mim sem qualquer significado, eu continuava no portão, olhando os muros sem sentido.

Foi então que pela primeira vez vi a velha Cassiana: os cabelos ainda bem negros e despenteados quase que escondiam a idade que a pele muito seca revelava. Ou seriam os panos puidos enrolados sobre o corpo? Ou os olhos e a boca rasgados pelo esforço de puxar uma carroça cheia de panos de chão, garrafas de detergente, vassouras de pêlo e um fardo de jornal?

“A mamãe vai querer alguma coisa, meu bem?” Nem medo tive, pois nem isso eu sabia o que era. “Meu pai está no armazém do seu Calixto trabalhando e não tem ninguém em casa. Minha mãe morreu” - disse sem qualquer tristeza - “O que a senhora vende?” Fiz a pergunta e, se costumasse questionar alguma coisa, até me surpreenderia comigo mesmo. Mas naquele momento nem poderia me dar conta dessas coisas. “Vendo material de limpeza, meu querido. Bom... Não

só isso. Você sabe se seu pai tem jornal velho?” “Não. Acho que não... Pelo menos nunca vi jornal aqui. Você vende jornal velho?” - minha curiosidade ultrapassava toda minha média diária de perguntas em 7 longos anos de existência. “Eu compro” - disse ela - “Compro para ler.”

Ler, ler, ler: fiquei repetindo aquela palavra baixinho para ver se entendia o que aquela mulher me dizia. Eu sabia o que era ler: seu Calixto adorava narrar alto as notícias cheias de sangue sobre o balcão. Mas aquele “ler” saído da boca da velha de cabelos negros tinha um som diferente que não remetia às mortes escorrendo pelas sacas de arroz do armazém.

“Como é seu nome, meu bem?... Meu bem?” Eu havia me distraído: ainda não era um sonho, apenas um pequeno voo até a esquina. Mas já era um começo. “Eu me chamo Luís.” - respondi. Ler, ler, ler - a palavra não me saía da cabeça e começava a brincar de roda: ler, er, er, er, ser, er, ler. “Luís, Luís, Luís” - ela ficou repetindo como se ameaçasse decifrar meus pensamentos - “belo nome! O meu é Cassiana.” Cassiana, ana, ana, ler, luís, luz. “Você sabe ler, Luís?” De novo aquela palavra voltando: quase estava indo embora. “Não.” “Quer que eu ensine para você?” Pela primeira vez tive medo. Não dela, mas das palavras e de algo que eu ainda não sabia. Mas antes que eu dissesse não, a velha Cassiana já estava sentada no degrau ao meu lado com um jornal aberto nas mãos. E quando eu entreabri os olhos, pensando encontrar o sangue cantado por seu Calixto, vi muitas letras com uma foto colorida em volta: a lua, uma menina tomando sorvete e algo que me dizia que aquele mundo de água no fundo da foto era... “Você já viu o mar, Luís?” Era o mar. Mas se havia a foto, para que aquelas letras estragando as figuras?

Talvez eu tenha pensado em voz alta, pois ela me olhou risonha e me disse que havia muitas coisas além do mar, da lua e do sorvete da menina. Então me leu as palavras em volta da foto: era uma história que falava de outros países, de uma menina que sofria com a sua solidão (palavra que descobri que se abrigava em mim também). Então no jornal havia também histórias que não falavam de assassinatos e sangue? Mais uma vez devo ter pensado alto, pois ela disse que não só nos jornais. Nos livros também havia histórias de todos os tipos: de fadas, de crianças, de bonecas falantes, de amores e também de morte e de medo. “Tudo isso faz parte da vida” - ela explicou - “mas há várias formas de se escrever sobre as coisas. É possível escrever até sobre a morte com beleza.” Dizendo isso me estendeu um livro que saiu de uma bolsa ou algo parecido amarrado em sua cintura. E sorrindo um “amanhã eu volto”

saiu puxando a sua carroça e desapareceu no final da rua.

No outro dia eu estava lá esperando. Acordei com uma sensação estranha: era como se a menina do sorvete, a velha Cassiana e a lua redonda da foto tivessem me visitado durante a noite. O que seria aquilo?

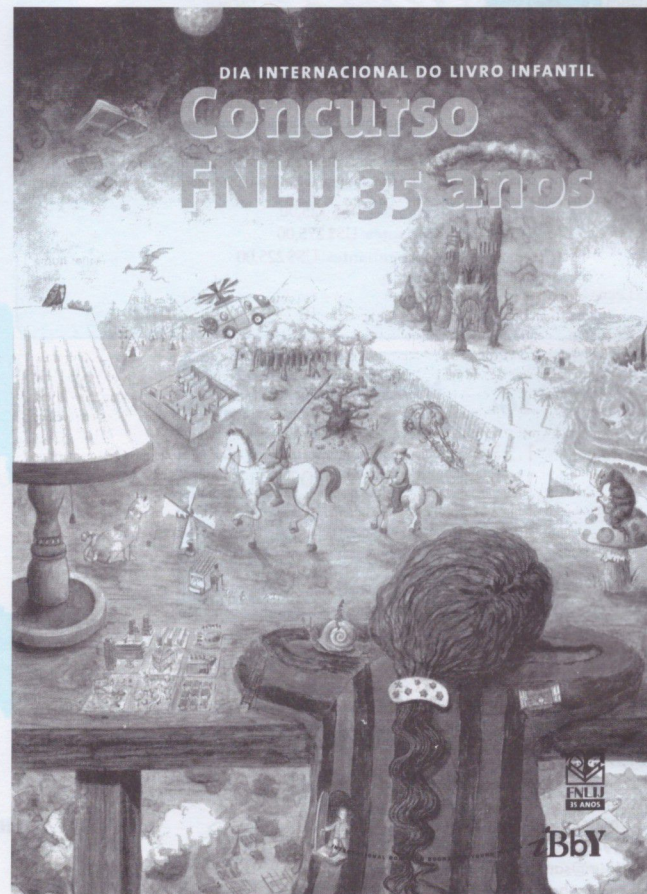
“Você teve bons sonhos, meu querido?” Sonhos, sonhos, sonhos, fiquei repetindo baixinho enquanto Cassiana já estava ao meu lado no degrau. E quando eu tentava responder a sua pergunta, ela já me veio com outra: “e o livro, gostou?” Fiquei com receio de dizer que não tivera coragem de abri-lo. Dormi abraçado a ele, sentindo o friozinho de sua capa azul. Ele continuava ali do meu lado, fechado, me esperando. “Não, Luís, não precisa devolvê-lo. Ele é seu. Mas um livro fechado é um livro morto.” Ela então me encorajou a abri-lo. E me leu tranqüila algumas de suas histórias.

Então, aquelas visitas passaram a acontecer todos os dias. Ela me contava as histórias dos livros que trazia, ia me ensinando

a reconhecer as letras, pedia que eu inventasse outras histórias. À noite, meu sono escapava da morte e começava a assumir formas, a possuir cheiros, a me tomar de sons. Tive pesadelos, tive medos, mas também passei a descobrir todas as formas de enfrentá-los. E do sonho sonhado na noite, minha vida foi se completando, recheando-se dos sonhos das almas alheias que os livros de Cassiana me traziam. As paredes das casas foram ganhando vida, como também pulsava vida por trás das fechaduras e das janelas das casas vizinhas. Comecei a entender meu velho pai e seus olhos cansados: descobri que o amava. Amor, amor, amor. Não, não eram só palavras. Havia sentido por trás delas. Por dentro delas. Por dentro de mim.

Um dia, a velha Cassiana não veio mais. Ela, que nos últimos tempos nem trazia mais os produtos de limpeza em sua carroça: com o tempo eles foram desaparecendo para dar lugar a livros e mais livros, que ela ia distribuindo para as crianças que brotavam em minha volta (ou que talvez ali sempre estiveram, mas meus olhos não conseguiram ver).

Agora eu não era só Luís. Era Luís, era Pedrinho, era o anjo da asa quebrada, era Ana, Emília, soldado de chumbo e gato de botas: minha alma era de tantos - e tantas almas eu tinha. E tenho. Dentro de mim mora a velha Cassiana, que vive a contar histórias, a decifrar meus sonhos, a ler os livros que agora eu espalho pelo mundo. Feito um mascate de almas.



Cuba – Lectura 2003: Para ler o século XXI

De 28 de outubro a 01 de novembro de 2003

Local: Hotel Habana Libre
Havana – CUBA

Conferências Magistrais:

1. O livro como instrumento educativo para o desenvolvimento humano.
2. A literatura infantil e o entendimento internacional.
3. Os livros infantis, um espaço de liberdade.
4. O papel da leitura no desenvolvimento das crianças e adolescentes.
5. Problemas contemporâneos e literatura infantil.

Mesa-Redonda:

Os jovens num mundo em transformação.

Seminários:

1. O livro como instrumento educativo para o desenvolvimento humano. Em saudação ao 35º Aniversário da Fundação do Livro Infantil e Juvenil do Brasil.
2. O papel da leitura no desenvolvimento de crianças e adolescentes.
3. Os livros e as crianças: tradição, presente e perspectivas.
4. Alfabetização através da literatura.

Salão: Salão de Autores A Idade de Ouro

Encontros de profissionais – escritores, ilustradores, promotores de leitura, editores, revisteiros

Premiação: II Concurso Ibero-americano: Para leer el XXI

Homenagem: “Para sempre IBBY” Homenagem a Leena Maissen



Taxa de inscrição:

Delegados: US\$ 325,00

Estudantes: US\$ 275,00

Acompanhantes: US\$ 225,00

Preços por pessoa em US\$:

Hotel	Cat.	SGL	Noite extra	DBL	Noite extra
Nacional	5 ☆	1.275	121	1.070	87
Habana Libre	5 ☆	1.215	111	1.015	78
Riviera	4 ☆	1.010	77	875	55
Vedado / St. John's	Tur.	810	45	740	33
Colina	Tur.	785	39	705	26
Universitário (L y 17)	Aloj.	740	33	705	26

Pacote inclui: Passagem aérea Cubana de Aviación (SAO / HAV / SAO) ou Copa Airlines (SAO / PTY / HAV / PTY / SAO), 06 noites de hospedagem, café da manhã, transfers In / Out, seguro assistencial.

Não inclui: Taxas de embarque, taxas de segurança, visto cubano, taxa de inscrição, serviços não citados.

Sujeito a alterações sem prévio aviso.

A formação do leitor literário, de Teresa Colomer, é publicado pela editora Global.

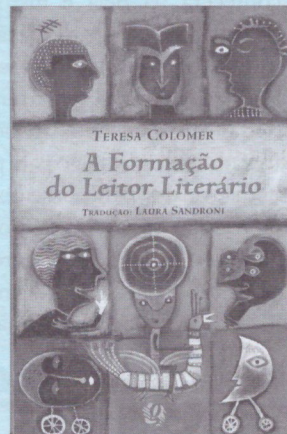
Com tradução de Laura Sandroni, este livro sobre o qual já comentamos no *Notícias*, foi editado no Brasil pela Global.

Teresa Colomer, especialista em literatura para crianças e jovens e professora de Didática da Literatura na Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha, esteve no Brasil em 2001, convidada pela FNLIJ para a abertura do III Seminário sobre Literatura para Crianças e Jovens, no 13º Congresso de Leitura do Brasil – COLE, promovido pela Associação de Leitura do Brasil, na Universidade de Campinas (ALB/Unicamp).

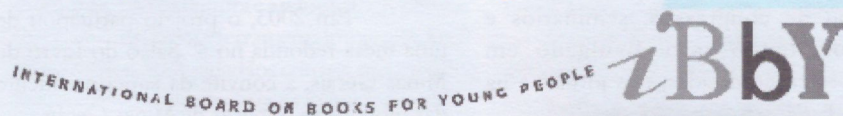
Na ocasião, Teresa Colomer falou sobre “Uma nova crítica para um novo século”, abordando temas que estão presentes em seu livro *La formación del lector literário – Narrativa infantil y juvenil actual*, publicado pela Fundación Germán Sánchez Ruipérez (este livro, que agora foi traduzido para o português, foi trazido pela FNLIJ de Cartagena, na Colômbia, por ocasião do 27º Congresso do IBBY, no qual Teresa Colomer foi conferencista).

Em entrevista ao Caderno Idéias, do *Jornal do Brasil*, Teresa Colomer falou para os leitores brasileiros sobre alguns dos temas deste livro, como por exemplo: a importância da qualidade literária dos textos para crianças e jovens; a necessidade de uma educação literária nas escolas; os critérios que devem nortear a crítica literária dos livros dirigidos ao público infantil e juvenil; a literatura como um meio poderoso de socialização e construção pessoal; a revolução na literatura infantil, que passou a abordar temáticas mais complexas e inovar nas técnicas narrativas, além de muitos outros temas.

A reportagem do JB foi escrita por Claudia Nina e publicada em 21/03.



FNLIJ apresenta os indicados para o Prêmio Andersen, do IBBY, em 2004



A FNLIJ já encaminhou os nomes de um escritor e de um ilustrador para concorrer ao Prêmio Andersen, em 2004. Já podemos começar a torcer pelo nosso querido escritor - e também historiador - Joel Rufino dos Santos e pela ilustradora e também escritora, a premiada Angela Lago!



A ilustradora Angela Lago foi indicada, pela FNLIJ, para o Prêmio Andersen, do IBBY, em 2004.



O escritor Joel Rufino dos Santos, indicado pela FNLIJ ao Prêmio Andersen, do IBBY, em 2004, ao lado de Ruth Rocha, que foi a escritora indicada pela FNLIJ para este Prêmio, em 2003.

Vice-presidente do IBBY visita o Brasil e conhece a sede da FNLIJ

A indiana Nilima Shima que, juntamente com Elizabeth Serra é vice-presidente do IBBY, esteve no Brasil, em junho, acompanhando seu marido, que é Ministro das Relações Exteriores da Índia. Ele veio para uma reunião em Brasília com o Ministro das Relações Exteriores da África do Sul. Em sua passagem pelo Rio de Janeiro, Nilima Shima conheceu a sede da FNLIJ e fez questão de visitar o Cristo Redentor. Apesar desta viagem estar voltada para o intercâmbio comercial entre a Índia e o Brasil, a vice-presidente do IBBY e o cônsul, seu marido, também conversaram com a secretária-geral da FNLIJ sobre a necessidade de um maior intercâmbio na área cultural, especialmente no que se refere à edição de livros de literatura para crianças e jovens e sobre futuras traduções e publicações em português dos belíssimos contos tradicionais da literatura indiana.



Visitando o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro: Elizabeth Serra e a indiana Nilima Shima (que ocupam juntas a vice-presidência do IBBY), e o Ministro das Relações Exteriores da Índia.

FNLIJ indica ilustradores brasileiros para participar da Bienal de Ilustrações de Bratislava – BIB

A Bienal de Ilustrações de Bratislava – BIB, uma exposição internacional de grande prestígio no mundo artístico e editorial, acontecerá na bela e histórica cidade da Eslováquia, tendo a participação de ilustradores de todo o mundo selecionados para este evento.

A 19ª BIB será realizada de 5 a 9 de setembro de 2003. A FNLIJ indicou a premiada ilustradora Angela Lago para participar do júri internacional da BIB, por seu excelente trabalho como artista e por sua reflexão crítica e estética sobre as ilustrações de livros de literatura brasileira para crianças e jovens. Na 18ª Bienal, em 2001, a ilustradora Regina Yolanda, que é

reconhecida internacionalmente por seu trabalho, foi membro deste júri, como divulgamos em nosso informativo.

A FNLIJ também indicou um jovem ilustrador para participar do Workshop de Ilustradores: trata-se de André Sandoval. Para participar deste workshop há uma exigência em termos de idade e de número de trabalhos publicados.

André Sandoval, entre outros trabalhos, fez as ilustrações da *Ilíada*, de Homero, com texto de Bruno Berlendis de Carvalho, editado pela Berlendis & Verrecchia, em 2002. Em 2001, o ilustrador Marcelo Ribeiro é que

foi selecionado. Havia apenas seis vagas para este workshop, pois o número de participantes foi reduzido devido à perda do apoio da UNESCO. A FNLIJ teve a alegria de ter conseguido que o ilustrador por ela indicado fosse aceito, o que comprova, mais uma vez, a valorização dos artistas brasileiros nas Mostras, Exposições e outros eventos realizados em todo mundo, como já divulgamos em outros *Notícias*.

Após a realização da BIB, estaremos retomando este assunto, com informações sobre o evento e sobre a participação da FNLIJ e dos ilustradores brasileiros.

“Leitura na calçada” comemora 10 anos

A especialista em Educação Infantil Edméia Faria relatou-nos por carta as comemorações dos 10 anos de caminhada do Projeto “Leitura na calçada”.

Este projeto obteve o 1º lugar no concurso “Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura Junto a Crianças e Jovens do Todo o Brasil”, promovido pela FNLIJ/ PROLER/ Biblioteca Nacional, em 1998. Também foi semifinalista do Prêmio Itaú-

Unicef, em 1999.

Ao longo destes 10 anos, diversas atividades foram realizadas e o projeto participou de congressos, seminários e encontros, tendo sido divulgado em publicações especializadas, nos jornais e na TV.

Em 2001, o projeto “Leitura na calçada” foi apresentado, com sucesso, no XXIII Congresso Mundial de Educação

Infantil em Santiago do Chile, sendo também publicado na revista *Novedades Educativas*, na Argentina e no México.

Em 2003, o projeto participou de uma mesa-redonda no 4º Salão do Livro de Minas Gerais, a convite da superintendente das bibliotecas públicas de Minas Gerais.

Parabéns à Edméia Faria e que ela continue com este trabalho tão importante de formação de leitores!

Seminário Nacional SESC – CBTIJ de Teatro Para a Infância e Juventude

A FNLIJ foi convidada, juntamente com outras instituições ligadas à infância e à juventude, para participar da abertura do Seminário Nacional SESC – CBTIJ de Teatro para a Infância e Juventude, realizado nos dias 21, 22 e 23 de maio, no Espaço Sesc, no Rio de Janeiro. A partir do tema “Teatro – Educação: a educação da sensibilidade”, aconteceram as mesas-redondas “A criança e a experiência com o teatro”; “Teatro – Educação” e “Ética e estética” e as oficinas “Literatura em jogo” e “O jogo teatral”.

O Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e a Juventude – CBTIJ foi criado em 1995, por atores, diretores e técnicos que trabalhavam prioritariamente com teatro para crianças e adolescentes e que sentiram a necessidade de criar uma entidade que contribuísse para o desenvolvimento do teatro infanto-juvenil e traduzisse o respeito à sensibilidade e à inteligência da criança e do adolescente.

O CBTIJ, ao longo desses anos, vem se deparando com inúmeras questões a respeito do teatro para crianças e jovens. Dentre elas está a da educação.

Como as artes cênicas se justificam dentro da escola? Qual a relação entre teatro – educação – escola? Como os profissionais da área pensam o teatro na escola? Como motivá-los a se expressarem de forma cada vez mais criativa? Quais os critérios na seleção de espetáculos que são apresentados em escolas? Qual a preocupação da escola na formação do professor de teatro? Estes e outros temas foram trazidos para a discussão neste Seminário.

A FNLIJ sempre se comprometeu a reconhecer a importância dos textos teatrais para crianças e jovens, e visando estimular a publicação de livros neste gênero instituiu o Prêmio *LUCLA BENEDETTI - O MELHOR LIVRO TEATRO*, que é uma das categorias do Prêmio FNLIJ. E constatamos, com satisfação, que a produção de livros de teatro para crianças e jovens vem crescendo, e esperamos que cresça ainda mais.

Em 2003, os vencedores do Prêmio FNLIJ nesta categoria foram: como “HORS CONCOURS” – *Curupira*, de Roger Mello, com ilustrações de Graça Lima, editado pela Manati, e a Coleção Dramaturgos do Brasil – *Teatro de Aluísio de Azevedo e Emílio Ronède*, João Roberto Faria (org.); *Teatro de João do Rio*, Orna Messer Levin (org.); *Teatro de Álvares de Azevedo: Macário/ Noite na taverna*, João Roberto Faria (org.), editada pela Martins Fontes.

El pájaro y la estrella de fuego, de Luciana Savaget, é editado na Colômbia

Recebemos a edição colombiana do livro *El pájaro y la estrella de fuego*, de Luciana Savaget, que é o relato de uma encantadora lenda indígena brasileira. O livro foi editado pela Panamericana editorial, de Bogotá, em 2003, com ilustrações de Juan Ramón Sierra Carrasquilla.

Esta obra também foi publicada no Brasil, pela editora DCL, com o título de *Japuaçu e a estrela do fogo* e ilustrações de Lina Kim (2002).

A jornalista e escritora Luciana Savaget vem realizando um trabalho de intercâmbio com outros escritores e especialistas de literatura para crianças e jovens da América Latina. Para o *Notícias*, da FNLIJ, ela já escreveu interessantes artigos sobre os Congressos dos quais participou, como o 27º Congresso do IBBY em Cartagena, na Colômbia, em 2001 e sobre a Feira de Guadalajara, no México, em 2002. Também escreveu para nosso informativo um relato sobre a participação brasileira na Feira de Bolonha, na Itália, em 2002.

Luciana Savaget é responsável, juntamente com a especialista cubana em internet e multimídia Aimée Vega Belmonte, pelo site: www.tricotando.com.br. Em 2002, Aimée Belmonte veio ao Brasil, a convite da FNLIJ, e deu cursos e palestras em Brasília, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, divulgando o *Lectura 2003*.

CASA LYGIA BOJUNGA • **A bolsa amarela.** Lygia Bojunga. Il. Marie Louise Nery. 33 ed. • **A casa da madrinha.** Lygia Bojunga. Il. Regina Yolanda. 19 ed. • **Corda bamba.** Lygia Bojunga. Il. Regina Yolanda. 22 ed. • **COSAC & NAIFY** • **Capitão Cueca e a fúria da fascinosa mulher tentacular.** Dav Pilkey. Trad. Charles Cosac e Christine Röhrig. • **Gaspar e Lisa no museu.** Anne Gutman e Georg Hallensleben. Trad. Célia Euvaldo. • **O que faz de um Rafael um Rafael?** Richard Mühlberger. Trad. Felipe José Lindoso. Il. Rafael (1483-1520). • **O que faz de um Rembrandt um Rembrandt?** Richard Mühlberger. Trad. Valentina Franz-Grijalba. Il. Rembrandt van Rijn. • **O rei da sola.** Márcia Frazão. Il. Mariana Massarani. • **Os pesadelos de Lisa.** Anne Gutman e Georg Hallensleben. Trad. Florencia Ferrari. • **DCL** • **A noiva do rei.** Katia Canton. Il. Beth Moysés. • **Ana e Ana.** Célia Godoy. Il. Fê. • **O Príncipe Encantado e o Mico-Leão-Dourado.** Katia Canton. Il. Sandra Tucci. • **O sonho da princesa.** Katia Canton. Il. Renata Pedrosa. • **Os desenhos mágicos.** Katia Canton. Il. Sandra Cinto. • **Os Deuses e seus enigmas.** Maria Augusta Mantese Randon. Il. André Neves. • **Reciclando com os coelhinhos.** Ingrid Biesemeyer Bellinghausen. Il. da autora. • **EDITORA 34** • **Adoniran: dá licença de contar.** Ayrton Mugnaini Jr. • **Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica.** Alfredo Bosi. • **Confidencial: anotações secretas de uma adolescente.** Ivana Arruda Leite. Il. Bianca Viani. • **Reinvente seu bairro: caminhos para você participar do planejamento de sua cidade.** Candido Malta Campos Filho. • **Tarsila: sua obra e seu tempo.** Aracy A. Amaral. 3ed. • **ESCRITURAS** • **As águas que conversavam.** Carlos Nejar. Il. Carla Fatio. • **Pássaro da terra: peça inspirada no "pássaro junino", teatro popular paraense.** João de Jesus Paes Loureiro. Il. Vera Andrade. • **Um esqueleto e outros contos.** Machado de Assis. Sel. Luzia de Maria. Il. Vagner de Souza. • **Uma história de circo e liberdade.** Nelly Rocha Galassi. Il. Vagner de Souza. • **Utopia.** Thomas Mores. Trad. Adapt. Nilson José Machado. Il. Vera Andrade. • **GLOBAL** • **A formação do Leitor Literário: narrativa infantil e juvenil.** Teresa Colomer. Trad. Laura Sandroni. • **Bueno de Rivera.** Bueno de Riviera. Sel. Affonso Romano de Sant'Anna. • **José Alencar.** Edla van Steen (Dir.); João Roberto Faria (Sel.). • **Machado de Assis.** Edla van Steen (Dir.); Salete Almeida Cara (Sel.). • **Objetos decorativos em origami.** Rita Foelker. Il. Vagner Vargas. • **JORGE ZAHAR** • **Come-come: pais e filhos na cozinha.**

João Alegria. Il. Glenda Rubinstein. • **JOSÉ OLYMPIO** • **Elenco de cronistas modernos.** [por] Carlos Drummond de Andrade [e outros]. 19 ed. • **Memórias de menina.** Rachel de Queiroz. Il. Mariana Massarani. • **MARTINS FONTES** • **A turma.** Helme Heine. Trad. Monica Stahel. Il. da autora. • **Contos budistas.** Recontadas por Sherab Chödzin e Alexandra Kohn. Trad. Monica Stahel. Il. Marie Cameron. • **Contos de animais do mundo todo.** Recontada por Naomi Adler. Trad. Monica Stahel. Il. Amanda Hall. • **História de Sabedoria & Encantamento.** Recontada por Hugh Lupton. Trad. Monica Stahel. Il. Niamh Sharkey. • **Pé na estrada, Manolito.** Elvira Lindo. Trad. Monica Stahel. Il. Emilio Urberuaga. • **Reis e planetas.** Ingrid Biesemeyer Bellinghausen. Il. da autora. • **Totó.** Michael Rosen. Trad. Monica Stahel. Il. Neal Layton. • **Um Saci no meu quintal: mitos brasileiros.** Monica Stahel. Il. Patricia Lima. 2 ed. ampl. • **MAZZA** • **Os poemas do Júnior e uma história curiosa.** Marcos Dias Junior. Il. do autor. • **MERCURIO JOVEM** • **O guarda-chuva da professora.** Januária Cristina Alves. Il. César Landucci. • **Portinholas.** Ana Maria Machado & Candido Portinari. Il. Luísa Martins Baêta Bastos. • **MODERNA** • **Menino de Belém.** Bartolomeu Campos de Queirós. Il. Mario Cafiero. • **MUIRAQUITÁ** • **Leitura e produção textual no espaço escolar.** José Ricardo Carvalho. • **NOOVHA AMERICA** • **O macaco fofoqueiro.** Guido Arrighi. Il. do autor. • **NOVA FRONTEIRA** • **A grande Pedra Violeta.** Garth Nix. Trad. Maria Helena Rouanet. • **Em guerra.** Garth Nix. Trad. Maria Helena Rouanet. • **O saco.** Ivan & Marcello. Il. Ivan & Marcello. 2 ed. • **OBJETIVA** • **As pernas da Tia Corália.** Antonio Prata. • **Contos de estimação.** Adriana Falcão, Ruy Castro, Sílvio Romero, Sylvia Orthof. capa e il. Glenda Rubinstein. • **Contos e poemas para crianças extremamente inteligentes de todas as idades.** Harold Bloom (seleção e org.). Trad. José Antonio Arantes. • **Eu chovo, tu choves, ele chove.** Sylvia Orthof. capa e il. Glenda Rubinstein. • **Omáscara de ferro.** Alexandre Dumas. Adapt. Carlos Heitor Cony. capa e il. Glenda Rubinstein. • **ORIGINAL** • **Sonhar e realizar, é só começar.** Patty Pachas. • **Viva feliz!** G.C. Comunicações. • **Vovó, mamãe com açúcar.** Gabriela Nascimento Spada e Souza. • **PANDA** • **Futebol é bom pra cachorro!: a história das copas contadas por personagens absurdos e excêntricos, ou seja, torcedores.** José Roberto Torero, Marcus Aurelius Pimenta. Il. Adalberto Cornavaca. • **Noite Feliz.** Maísa Zakzuk. Il. Aída Cassiano. • **O fantástico mundo da informática.**

Tatiana Valsi. • **Redescobrimo o Brasil.** Rebeca Kritsch. • **Tudo bem ser diferente.** Todd Parr. Trad. Marcelo Bueno. Il. do autor. • **PAULINAS** • **Beleléu.** Patrício Dugnani. • **Com quem casa Estela se três moços gostam dela?** Nelson Albissú. Il. Joubert José Lancha. • **O muro.** Júlio Emilio Braz. Il. Ricardo Giroto. • **PAULUS** • **História sorridente de unhas e dentes.** Elias José. Il. Cláudia Scatamacchia. • **Maria Mole.** André Neves. Il. do autor. • **Meus bravos amigos.** Cláudio Martins. Il. do autor. • **Que confusão seu Adão!** Elias José. Il. Cláudia Scatamacchia. • **QUINTETO** • **Amigos para sempre.** Luiz Galdino. Il. Jótah. • **Aqueles olhos verdes.** Pedro Bandeira. Il. Avelino Guedes. • **Bem dentro de mim.** Edson Gabriel Garcia. Il. Avelino Guedes. • **Difícil decisão.** Marcia Kupstas. Il. Avelino Guedes. • **O rolo do Rola-abóbora.** Fernando Vaz. Il. Carlos Edgard Herrero. • **Os pichadores.** Carlos Edgard Herrero. Il. do autor. • **Quem disse que eu quero crescer?** Vinícius Caldeilla. Il. Avelino Guedes. • **Segredos de agenda.** Telma Guimarães Castro Andrade. Il. Marcos Guilherme. • **Um dia em tuas mãos.** Giselda Laporta Nicolelis. Il. Rodival Matias. • **RECORD** • **A carta, a bruxa e o anel.** John Bellairs. Trad. Alves Calado. Il. Ana Maria Moura. • **A princesa apaixonada.** Meg Cabot. Trad. Maria Cláudia de Oliveira. 2 ed. • **Dadá e Dazinha.** Luiz Antonio Aguiar. Il. Graça Lima. 1 • **Um vulto na escuridão.** John Bellairs. Trad. Alves Calado. Il. Ana Maria Moura. • **RHJ** • **O mistério de Ouro Preto.** Cristina Ávila. Il. Sérgio Luz. • **O piolho.** Bartolomeu Campos de Queirós. Il. Adriana Mendonça. • **ROCCO** • **As aventuras da dona Friz: Egito Antigo.** Joanna Cole. Trad. Ana Bergin. Il. Bruce Degen. • **O sequestro.** Diane Hoh. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. • **Os caçadores de mentira.** Fernando Sabino. Il. Glenda Rubinstein. • **SALAMANDRA** • **Mamãe, como eu nasci?** Marcos Ribeiro. Il. Bia Salgueiro. 2 ed. rev. e ampl. • **Todo Pererê, vol. 2.** Ziraldo Alves Pinto. Il. do autor. • **SARAIVA** • **A mochila.** Roberto Jenkins de Lemos. Il. Marcelo Martins. • **A revolução Farroupilha (1835 - 1845).** Edu Silvestre de Albuquerque. • **Histórias do mundo que se foi (e outras histórias).** Cyro de Mattos. Il. Evandro Luiz. • **O artista na ponte num dia de chuva e neblina.** Stela Maris Rezende. Il. Rogério Borges. • **O mensageiro Alado.** Rogério Andrade Barbosa. Il. Rogério Borges. • **Quem conta um conto aumenta um ponto.** Raimundo Matos de Leão. Il. Sérgio Palmiro. 2 ed. **Sobrevivendo à escuridão.** Iris Stern. • **Triângulo de fogo.** Carlos Augusto Segato, Giselda Laporta Nicolelis, Rosana Rios. Il. Kipper.



Professor!

Inscriva sua turma para fazer parte da Visitação Escolar, durante o 5º Salão do Livro para Crianças e Jovens, que será realizado de 11 a 21 de setembro de 2003 no Galpão das Artes do Museu de Arte Moderna - MAM/RJ.

As visitas das escolas ao Salão ocorrerão de 12 a 21 de setembro e poderão ser marcadas, antecipadamente, por telefone: 2262-9130, 2240-9536 ou 2215-3406; pelo fax: 2240-6649 ou pelo e-mail: administracao@fnlij.org.br.

O valor do ingresso   de R\$ 2,00 (dois reais) por pessoa, criança ou adulto (crianças até 1 metro de altura não pagam ingresso). As escolas que confirmarem presença até o dia 11/08 no 5º Salão do Livro ter o a assessoria da FNLIJ para a Visitação Escolar.

MANTENEDORES DA FNLIJ


Abrelivros, Agir, Ao Livro Técnico,  tica, Atual, Barsa Planeta Internacional Ltda., Berlendis & Vertecchia, Brinque-Book, Callis, Casa Lygia Bojunga, CBL, Cia. das Letrinhas, Cosac & Naify, Cuca Fresca Edioes, DCL, Dimensão, Ediouro, Editora Bertrand Brasil, Editora Biruta, Editora do Brasil, Editora Franco, Editora Globo, Editora Leitura, Editora 34, Editorial Mercurio Jovem, Exped, Forense, Formato, FTD, Global, IBEP - Companhia Editora Nacional, João Carlos Serra, Jorge Zahar Editores, José Olympio, L , Lucerna, L&P Editores, Manati, Marcos da Veiga Pereira, Martins Fontes, Melhoramentos, Miguilim, Moderna, Nova Fronteira, Objetiva, Paulinas, Paulus, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Record, Revan, RHJ, Rocco, R. R. Donnelley, Salamandra, Saraiva, Scipione, Siciliano, SNEL, St dio Nobel, Thex Editora.

EXPEDIENTE • Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers • Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Magda Frediani • Revisão: Magda Frediani e Claudia Pinto • Diagramação: Arco

GESTÃO 2002-2005 • Conselho Curador: Eduardo Portella, Marcos Pereira, Maria Antonieta Antunes Cunha, Regina Bilac Pinto, Roberto Feith, Wander Soares. Conselho Diretor: Carlos Augusto Lacerda (Presidente), Laura Sandroni, S nia Machado. Conselho Fiscal: Ana Lygia Medeiros, Henrique Luze Terezinha Saraiva. Suplentes: Celina Dutra da Fonseca Rondon, Maria do Carmo Marques Pinheiro, Regina Lemos. Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Alexandre Martins Fontes, Annete Baldi, Bia Hetzel, Daniel Feffer, Felipe Lindoso, Ferdinando Bastos de Souza, Fernando Paixão, José Alencar Mayrink, José Bantim, L lia Schwarcz, Luiz Alves, Vladimir Ranevsky, L cia Jurema Figueir a, Ottaviano de Fiore, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Ricardo Arissa Feltre, Rogério Andrade Barbosa. Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se   FNLIJ e receba mensalmente Notícias.
Tel.: (0XX)-21-2262-9130
e-mail: fnlij@alternex.com.br
home page: www.fnlij.org.br

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS 

Rua da Imprensa, 16 - 12  andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil Tel.: (0XX)-21-2262-9130 Fax: (0XX)-21-2240-6649 E-mail: fnlij@alternex.com.br

Com a palavra O AUTOR

Luciana Sandroni



FNLIJ
Notícias

Na minha tese de mestrado – “Com a palavra, o autor” – entrevistei 23 autores de literatura infantil e juvenil, analisei os depoimentos e tentei traçar um perfil desse autor. O tema das entrevistas foi o processo de criação: como é escrever e ilustrar para crianças e jovens?

Essa idéia nasceu durante um curso que fiz com a professora Cecília Almeida Salles sobre Crítica Genética, na PUC de São Paulo. O nome assusta mas a essência dessa nova teoria talvez seja a pergunta que nos fazemos todos os dias, ou pelo menos em algum dia já nos fizemos: Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Essa curiosidade pela origem da vida nos persegue e o pesquisador de crítica genética leva toda sua curiosidade para a origem das obras de arte. Ele pesquisa manuscritos, diários, anotações, rascunhos. Ele pesquisa o que o autor decidiu que vai ou não vai entrar na obra. Aquela obra, que antes parecia feita num passe de mágica, é analisada como uma teoria científica. As tomadas de decisão, de cortes, os assassinatos de personagens, no caso da literatura, as encruzilhadas, enfim, todo este labirinto que antes pensávamos impenetrável para alguém de fora, é estudado com todo o rigor científico. Algumas pessoas não acham isso grande coisa: afinal o pesquisador de crítica genética é, na verdade, um grande abelhudo, que vai fuçar exatamente aquilo que o artista teve todo o trabalho de esconder. Mas não, não é com esse intuito que um pesquisador se debruça sobre o manuscrito. Na verdade, ele quer tentar compreender o mistério da criação, quer questionar o mito de que a obra já nasce pronta, de que o artista tem “dons”, que recebe a visita da musa inspiradora etc. O pesquisador de crítica genética sabe que não vai desvendar o mistério da criação, mas consegue perceber que o artista necessita de tempo, de disciplina e de métodos.

Esse curso me despertou muito interesse. O processo criativo dos artistas sempre foi um tema que me estimulou, mas nunca tinha lido nada sobre isso como teoria. O mistério da criação era assunto dos poetas e cineastas, que questionam o processo de criação na própria obra de arte. Como Drummond com sua luta com as palavras ou Truffaut em *A noite Americana* e tantos outros. Comecei a pensar em como trabalhar esse assunto com o livro infantil e juvenil e notei que não me interessava pesquisar manuscritos, mas sim discutir com os autores, ouvir os autores falarem sobre seu processo criativo, mas principalmente discutir os temas que se tornaram mitos sobre o artista que se dirige a crianças e jovens.

A literatura infantil tem uma história muito próxima à da pedagogia. E, atualmente, os livros para este público leitor são vendidos nas escolas, tendo assim um mercado já definido. E por essa relação tão estreita com a educação, a literatura para crianças é considerada uma literatura menor. Como comenta Edmir Perrotti, no seu livro *O texto sedutor na literatura infantil*: “*Nem a literatura, nem o escritor para crianças serão jamais idênticos à literatura e ao escritor para adultos. Se estes gozam de mais prestígio social, isso se deve a condições históricas que não serão alteradas enquanto a literatura e o escritor para crianças continuarem teimando em ser o que não são – e não podem ser – e enquanto o estatuto da criança continuar a ser o que ele é hoje. A inferiorização social do público está diretamente ligada à inferiorização da arte a ele dirigida.*”

Será que isso influencia o processo de criação do artista? De que maneira? Criar para crianças e jovens é realmente mais fácil ou, ao contrário, muito mais difícil? Os autores precisam estar em contato com crianças e jovens para criar? O livro infantil é feito num processo coletivo, em que escritor e ilustrador trabalham juntos ou é fruto de dois trabalhos individuais? O fato de essa área ser discriminada entra no processo? Essas são questões que já me fazia e queria encontrar respostas (ou mais perguntas) conversando com outros autores.

Minha intenção era detectar o que é único, o que é exclusivo do fazer literatura para crianças e jovens e quais os pontos que essa literatura tem em comum com o fazer arte em geral.

O primeiro aspecto que trabalhei foi **a criação como um ato comunicativo**, em que vemos que, no processo de gestação de uma obra, há o desejo do autor de se comunicar com o leitor e com a própria história da arte. O que move o artista em geral a criar é muitas vezes o diálogo com outras obras de arte. Os autores que entrevistei falaram muito sobre esse assunto:

Roger Mello conta: “*Eu tive uma fase de muita paixão pelo Guimarães Rosa. Então ilustrava tudo dele, e comecei a me interessar mais por ilustração, a culpa foi do Guimarães Rosa. Eu achava tudo que ele escrevia muito visual. Achava impossível ilustrar, e por isso mesmo eu tinha vontade.*”

Angela Lago também comentou: “*Acho que agora estou me alimentando de pintura, de artes plásticas de um período, da primeira metade do nosso século. Eu estou sorvendo isso, não sei o que vai acontecer. Estou lendo sobre expressionismo alemão, o movimento Fauve, cubistas na França, a pintura brasileira feita nesse período... É a coisa que mais adoro atualmente. Houve paixões nas quais eu me alimentei, sim, para desenhar. Eu vi Escher, William Mauds aos borbotões antes de fazer o Cântico dos Cânticos. E cito eles tranqüilamente. Eles estão lá no trabalho de alguma forma.*”

Bartolomeu Campos Queirós também afirma: “*Eu sou muito encantado para leitura; então tenho que ficar me policiando, porque às vezes começo a escrever, tenho uma idéia, lembro do poeta tal, ou do autor tal e aí paro de escrever e fico lendo*”

Suplemento

Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil. Fascículo nº 24

aquele escritor. Tem um diálogo grande entre a escrita e a leitura. Eu leio muito, gosto de ler, acho até que ler é uma coisa superior à escrita, para mim. Eu me sinto muito bem lendo.”

Além de dialogar com outros artistas, o criador está sempre lendo e vendo seu próprio texto e desenho ganhando forma, aparecendo. O resultado do seu trabalho é efeito de um diálogo entre o artista e sua própria obra: há uma interação total entre as posições de escritor e leitor, o criador é o interlocutor, e trabalham juntos.

Na preparação da obra, as duas posições se confundem. O autor descobre que é o seu primeiro leitor, mas que é um leitor especial, pois pode decidir e apontar caminhos. Há um momento em que o autor assume essa dupla função e quase opta por ser só leitor. O trabalho está concluído, e o que resta é contemplar e refazer – o que é mais fruto da leitura do que da escritura.

Ricardo Azevedo também comenta esse assunto: “O importante para mim é dar um tempo para o texto. Depois de ficar meses pensando naquele trabalho, é legal não pensar. Eu noto coisas que eu não via antes. Frases que não estão bem construídas, idéias que não ficaram claras. Você já está com distância, normalmente surgem coisas que poderiam estar melhor.”

O autor assume, então, a posição de leitor poderoso, mas muito mais leitor do que autor, pois às vezes até esquece o que escreveu, como conta **Ana Maria Machado**: “Eu gosto muito de deixar o texto na gaveta um tempo. Invariavelmente, quando vou ler, encontro coisas que tinha esquecido que escrevi e tem coisas que daquela maneira eu tinha me dado por satisfeita e hoje não mais.”

Ana Maria mostra bem que o autor, com esse distanciamento do texto, assume que é leitor de si mesmo: não lembrar do que escreveu é como se um outro autor tivesse escrito. Foi um outro autor que se desgastou com aquele texto e não ela.

Outro aspecto que os autores comentaram muito, e que ainda está ligado a esse tema da criação como um ato de comunicação, é o fato de o leitor estar presente na cabeça do artista no momento da gestação de uma obra. O que quero dizer é que o artista pensa no leitor quando está trabalhando. Ele imagina se o leitor vai se emocionar em tal parte, se o leitor vai entender o que ele quis dizer, enfim, o artista do livro infantil e juvenil tem consciência desse leitor. Notamos essa consciência quando os artistas comentaram que têm uma visão nítida de seus leitores: para uns esses leitores precisam de cuidados especiais, tanto no nível temático como no nível lingüístico.

Luiz Antônio Aguiar comenta: “O tema das drogas para mim é complicado de falar. Eu não quero tornar ninguém neurótico, mas quero dizer: aproveite a vida, mas a defenda. A gente tem que ter sutileza para falar nisso, e ao mesmo tempo muito cuidado, porque a gente está lidando com vidas frágeis e vulneráveis. Tudo isso me cerca.”

Sobre esse tema **Zirald** comenta: “Escrevo para todo mundo, para mim mesmo. Mas eu acho que menino de nove anos é que curte mais. Se bem que outro dia eu recebi uma carta de uma menina de sete anos, uma carta enorme, sobre o livro mais difícil daquela coleção ABC, que é a letra F. É a história de uma luta de boxe. As pessoas acharam esquisito. Mas será que criança nunca viu luta de boxe? O mundo não tá aí na cara dela? Por que vou ficar fingindo que não tem luta de boxe? E como eu gosto muito de boxe...”

Zirald demonstra que se preocupa com o leitor. O leitor está o tempo todo lhe acenando. Mas no final o autor decide pelo que preferir. Isto é, a consciência de que escreve para um leitor criança não interfere na busca do melhor, na procura da beleza. O autor pode ficar em dúvida, mas é categórico ao dizer que não faz nenhum tipo de concessão por saber que seu leitor é uma criança ou um jovem. **Marina Colasanti** também comenta a visita do leitor no processo de criação: “Trabalhar sabendo que ia atingir muito o público infantil, no início, me deu um susto muito grande, um medo muito grande: o que eu vou dizer pra ele? Ai, meus Deus! Que responsabilidade! Ai decidi que

não ia me importar com isso. Que não ia pensar nessa questão, que essa questão é equívoca. Porque se eu sou uma pessoa decente, legal, que tem uma visão de mundo positiva, no sentido de ter uma certa intimidade com a vida, não tenho que me preocupar, porque o que eu disser vai estar dentro desses parâmetros, dentro desse universo que é meu. Se eu não sou essa pessoa, se eu sou retrógrada, se eu sou ranbeta, se eu sou moralista, não adianta botar muito laço de fita em cima porque uma hora vai passar por baixo que eu sou moralista, que eu estou falsificando. Então resolvi não me preocupar. Resolvi escrever o que eu queria escrever.”

Nesse comentário, Marina revela várias coisas. Primeiro: ela faz essa reflexão a partir do momento em que se vê diante do leitor infantil, isto é, o leitor está do lado dela no momento “solitário” da criação. É o interlocutor que a preocupa, que a detém. Segundo, que percebe que o seu projeto como escritora está totalmente ligado à sua própria vida, que seu texto revela quem ela é: se ela for falsa o leitor vai descobrir. O texto reflete o autor. Marina escreve o que deseja escrever, porque se não o fizer não vai se realizar como artista. Ela descobre, como Zirald, que não tem que falsificar, não tem que fingir que a luta de boxe não existe em nome do leitor porque isso seria uma anulação da própria essência do artista, de realizar o seu desejo: ele se guia por aquilo que acredita ser belo sem ter que dar explicações. Marina e Zirald entendem que o fato de o leitor ser criança não altera em nada seus desejos, estilos, palavras, porque isso seria negar a busca da beleza com que o artista tanto sonha.

Angela Lago também comenta que pensa no leitor, quer prender o leitor nos seus livros: “Acho que não preciso de passaporte para falar com criança. Não me interessa falar o usual. Acho que se eu trouxer alguma coisa nova, melhor, mesmo que provoque a princípio estranhamento, ou mais dificuldade. Não há porque simplificar e partir para o gosto médio. Penso o tempo todo que o meu leitor é criança. Penso o tempo todo que estou falando com uma criança, que eu gostaria de prender sua atenção.”

Alguns autores afirmam serem contrários à visão de inferioridade que muitas vezes persegue a criança; acreditam que a criança é o leitor ideal, mais capaz, muito mais aberto para experimentos literários. **Heloisa Prieto** comenta: “Acho que na infância as pessoas têm uma percepção, uma qualidade de inteligência que é mais abrangente. Isso vai se perdendo na vida, a não ser para quem mantém por alguma razão essa espécie de energia. (...) Acho que a criança é um leitor privilegiado, que percebe as coisas com muito mais sagacidade.”

Monteiro Lobato sempre fez questão de dizer que seus livros eram para os pequenos e defendia a tese de que o que tinha para dizer não teria sentido para os adultos, pois estes não entenderiam. Em uma carta para seu amigo, o escritor Godofredo Rangel, ele diz: “Ando com idéias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoei. Bichos sem graça. Mas, para as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusoe do Laemmerte. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no Robinson e nos Filhos do Capitão Grant.”

Lobato afirma que escrever para criança é algo especial, pois acredita que esse leitor tem mais capacidade de “entender” seus livros do que um leitor adulto, isto é, o leitor criança o estimula a escrever. Numa outra carta, Lobato dá a receita para escrever para crianças, mostrando-nos o que considera a maior diferença de um texto para adultos: “A coisa tem de ser narrativa a galope, sem nenhum enfeite literário. O enfeite literário agrada aos oficiais do mesmo ofício, aos que compreendem a beleza literária. Mas o que é beleza literária para nós é maçada e incompreensibilidade para o cérebro ainda não envenenado das crianças. (...) Não imaginas a minha luta para extirpar a literatura dos meus livros infantis. A cada revisão nova nas novas edições, mato, como quem mata pulgas, todas as ‘literaturas’ que ainda as estragam”.

Outro aspecto que trabalhei foi a intersemiose no processo criativo do livro infantil e juvenil. Os escritores e

ilustradores comentaram que tudo que os rodeia, durante o processo de criação, pode ser material de trabalho: uma palavra numa conversa, um objeto, um aroma, uma paisagem. Observam tudo para a sua criação. Eles exploram e pesquisam o mundo para a realização de uma obra. A figura do artista romântico e distante, vivendo isolado numa torre de marfim, não surge nesses depoimentos; ao contrário, eles se vêem imiscuídos no mundo, que é percebido como material para exploração. O que as pessoas falam, o que é lido no jornal, visto na TV, tudo isso está na sua mira. O artista, de uma maneira geral, acredita que o mundo está à “disposição da criação”. Cecília Almeida Salles comenta no seu livro, *Crítica Genética: uma introdução*: “A criação, não podemos esquecer, é um momento especial de percepção, percepção esta como campo de partida e campo de testagem e de exploração do mundo. Percepção, onde a meta que conduz o artista faz com que o mundo pareça estar à disposição da criação e é, na verdade, o artista que canaliza todo o mundo à sua volta para a criação”

Vamos notar principalmente a presença de linguagens diferentes – especialmente música, cinema e teatro – se relacionando no percurso da criação de um texto ou ilustração; isto é, artistas da palavra vão criar muitas vezes influenciados por uma imagem ou por uma música. Na maioria das vezes os ilustradores partem do texto para criar imagens. É essa relação intersemiótica, de linguagens diferentes se relacionando e criando, que vamos discutir.

Vamos notar que esses artistas têm uma relação forte com a música e o cinema, e essas linguagens vão atuar sobre a sua criação, propiciando ou alimentando esse momento.

A música serve como equilíbrio, para **Bartolomeu**: “Escrever para mim é uma coisa meio formal; exige uma certa preparação. Quando escuto música, quando preciso me afinar um pouco escuto sempre a Jessie Norman; quem me põe afinado é a Jessie Norman. Quando viajo compro tudo dela, sei de toda a vida dela, ela é uma pessoa que me afina. De repente eu me equilibro. A minha irmã telefona, meus amigos telefonam, e aí quando eles percebem no telefone que a Jessie Norman tá cantando, dizem: ‘Jessie Norman tá, né? E desligam logo... porque sabem que estou trabalhando.’”

Para Bartolomeu a música o ajuda a colocar as coisas em ordem, como se ela o ajudasse a encontrar o tom certo. O artista parece ter necessidade de organização, e a música aparece como um elemento que vai auxiliá-lo na criação, estabelecendo uma ordem no caos.

Lygia Bojunga comenta a importância da música na criação da obra *Livro*: “O escritor, a casa, a rua, o céu, aquilo tudo não saía da minha cabeça pro papel porque eu custei demais pra enxergar a ponta do fio da história. Acabei encontrando-a numa música do Villa-Lobos: Choros nº 10. Eu comprei o disco por causa do Trenzinho Caipira: Choros nº 10 eu nem sabia o que era. Me sentei e ouvi o Trem bem quieta. Mas nos choros o meu coração começou a bater barulhento (querendo, na certa, me avisar da química especial que ia se processar). E o barulho foi num crescendo. Aquela música do Villa me emocionava, me estimulava, me dava a certeza que era só ouvir ela mais um pouco e eu enxergava a ponta do fio. Toquei a música não sei quantas vezes; adorei! (...) Chorei. Não sei se isso ajudou, só sei que a ponta apareceu. Comecei a puxar, e o fio arrastou lá de cima uma personagem já pronta. E era mulher, imagina, depois de eu ter pensado aquele tempo todo que ia nascer um homem.”

Lygia expõe aqui da maneira mais simples a função da música na sua criação. É lá que ela encontra o elemento de ligação de sua história. É interessante notar que ela sente que a música a ajuda no seu processo de criação. Ela sabe que através da tradução da linguagem musical vai encontrar a história. Estimulada pela música, vai conseguir traduzir a emoção em linguagem verbal. Para Lygia essa imagem da música puxando fio da história para o papel é tão forte, que é como se a autora nem estivesse mais comandando seu texto. A música desperta a emoção no ouvinte, e reforça a emoção

que já se encontra nele.

Outras linguagens – ainda que diversas das dos autores – são importantes para eles porque propiciam clima, alimento, equilíbrio, organização, referencial, para que saiam do caos em que se encontram, tornando-se aliadas do seu processo criativo, condição comum aos artistas em geral.

Neste capítulo da tese eu me detive no aspecto mais marcante do livro infantil, que é o fato de ele conter ilustrações. Ele é o resultado de uma intersemiose, isto é, da relação entre as linguagens verbal e visual. Mas o seu processo, na maioria das vezes, não é coletivo, só o ilustrador recebe o texto já pronto do autor. É o ilustrador que vai transformar aquele texto em imagens.

Os ilustradores comentaram muito sobre a discriminação da imagem no livro infantil. Ainda há uma grande discriminação em relação ao ilustrador e à imagem no livro. A palavra escrita é considerada a linguagem principal no livro por muitos críticos, editores e escritores. Os próprios ilustradores comentam que essa visão acarreta uma série de equívocos, como o de se pensar que o ilustrador tem que desenhar exatamente o que o autor do texto escreveu, para não complicar a leitura da criança. **Ricardo Azevedo** exemplifica: “Muitos dizem que as ilustrações, num livro para crianças, devem ser literais, seguir o texto o máximo possível ou, como nos livros didáticos, tomar as coisas ao pé da letra. Dizem também que num livro para crianças deve haver uma sincronia entre texto e imagem. Quer dizer: a ilustração deve estar sempre junto ao texto que pretende ilustrar. (...) Os livros para crianças, a pretexto de buscar uma fidelidade ao texto, só conseguem ser óbvios. O que se espera são desenhos que, somados ao texto, consigam ampliar ao máximo o universo de significação do livro como um todo.”

Se os autores do texto se sentem discriminados pela sociedade por se dirigirem ao público infantil, os autores da imagem se sentem duplamente assim, por haver uma idéia de que a imagem tem que simplesmente facilitar a leitura da criança, concretizando-a ao desenhar “ao pé da letra” o que o autor escreveu. Uma questão que muitos apontam como a mais evidente de que a ilustração é considerada inferior ao texto é o fato da crítica de livros infantis ser feita apenas por estudiosos ligados à literatura. Não há nenhum teórico de artes plásticas que considere a ilustração no livro infantil, é o que afirma **Angela Lago**: “Todo mundo fala ‘livrinho’, ninguém me pergunta a respeito do meu próximo livro, mas sim, ‘tem algum livrinho?’ E acho que ainda há um outro preconceito, que é contra a ilustração. No Brasil, o texto é muito mais valorizado do que a ilustração. Nós não temos uma crítica de ilustração tão boa quanto temos de texto. Para ilustração ainda se está começando; você pinça figuras. Isso mostra o desinteresse dos críticos e teóricos de artes plásticas em parar e pensar um pouquinho em ilustração; ilustração ainda é uma arte menor que o texto para criança.”

Pude realmente observar um processo intersemiótico, isto é, a linguagem visual e verbal se relacionando no processo, quando o autor do texto também é o autor da imagem, o que é mais uma especificidade no livro infantil.

Uma das questões feitas sobre o processo desses artistas foi: quem nasce primeiro, o texto ou a imagem?

Ricardo Azevedo comentou que “sempre é o texto primeiro, mas ao mesmo tempo que estou escrevendo eu penso na ilustração. tem horas que penso: eu jamais vou conseguir ilustrar isso aqui. Isto é totalmente literário. Em outros momentos, ao contrário, eu digo: não vou perder tempo escrevendo isso aqui não, porque depois o desenho vai explicar melhor. Por exemplo: uma descrição que eu ache inútil, no desenho, vou encher de detalhes, fazer um monte de coisas, então não preciso escrever sobre aquilo, a coisa que é menos importante literariamente pode ganhar riqueza na ilustração.”

A imagem está todo o tempo na cabeça do autor: há um diálogo interno entre a palavra e a imagem. E uma não pode viver sem a outra. As duas linguagens juntas é que vão expressar com exatidão o que ele quer dizer. Uma linguagem complementa a outra, uma sem a outra não tem sentido. E o que observamos no processo

desses artistas é que, mesmo o texto sendo feito primeiro, ele é elaborado paralelamente a uma imagem, e a imagem é feita a partir de um texto.

O artista que trabalha com texto e imagem tem um processo de criação intersemiótico mais claro de ser percebido do que um escritor que, a partir de uma música, criou um personagem, ou um que assiste a um filme e tem a idéia de um livro. Esses artistas estão em trabalho permanente de tradução de linguagens, mas um ilustrador que também seja escritor faz essa tradução clara no livro infantil. Através de seus depoimentos entendemos que a linguagem escrita está impregnada de linguagem visual: o que eles lêem, na verdade visualizam, o que eles escrevem está sendo ilustrado simultaneamente.

O que é específico no fazer da literatura infantil e juvenil é exatamente esse artista que trabalha as duas linguagens e que vai expressar no seu livro o encontro delas, o diálogo que mantém entre elas durante o processo e depois quando o livro vai suscitar novas interpretações do leitor que, como comenta Angela Lago, também vai ter uma relação intersemiótica com o livro: ele vai interpretar duas linguagens diferentes mas que se relacionam entre si.

O terceiro aspecto que analisei foi a questão da memória da infância. Ao longo da análise dos depoimentos, notei a forte presença das lembranças da infância – e muito especialmente as recordações das histórias orais. O artista trabalha explorando o seu mundo e as percepções da infância também são trazidas à tona; há um diálogo entre a criança que foi e o artista que é hoje.

O que registramos como uma especificidade do fazer literatura infantil é o fato de essa memória servir como “passaporte”. É dela que o artista vai se alimentar para criar histórias. Recuperando a própria infância, ele se sente mais próximo do seu leitor e talvez assim diminua a distância etária entre eles. Isso é marcante no fazer literário infantil. **Marina Colasanti** comenta o assunto: *“A infância e a adolescência, a vida da gente são como tatuagens: são pontos que ficam em baixo da pele, absolutamente indelévels. Os pontos vão desenhando uma tatuagem preciosa e única. Quando você escreve, vai colendo esses pontos tatuados. Você colhe esse ponto e bota num microscópio, amplia e aí trabalha esse ponto. Ele tem uma carga de sangue, ele não é seco, ele não estava entre as páginas de um livro. Ele não estava desidratado. Ele está encharcado de sangue da tua pele. Então, ele é muito vivido, muito intenso. (...) Eu faço muita apropriação da minha vida na criação. Não é uma apropriação direta, vou buscar lembranças.”*

Ruth Rocha também comenta que suas memórias da infância são de alguma maneira utilizadas nos seus livros: *“Eu não reprimo as lembranças da minha infância, porque eu fui muito feliz. (...) Eu acho que isso tem a ver com o que eu escrevo. Eu não tenho nada para esconder da minha infância. Eu lembro da sensação de brincar no quintal, de subir em árvore para pegar fruta, brincar de roda... A infância para mim é uma coisa clara, gostosa.”*

Nos comentários dessas duas autoras, fica claro que a memória guarda impressões, sensações que elas tentam registrar em seus trabalhos. As histórias muitas vezes remetem às lembranças da infância. Essa é uma característica geral do fazer artístico: a memória da infância e da adolescência não nutre somente os artistas dessa área. A procura das sensações da infância, ou um diálogo com essa época, é muito comum no fazer artístico em geral, mas há uma diferença em relação aos artistas de literatura infantil: o fato de essa memória ser percebida como história, como material a ser transformado em história. Ela vai servir ainda de elo entre o autor e o leitor criança: são histórias vividas por crianças e contadas para crianças.

Vários autores, ao serem perguntados para quem escrevem, responderam que pensam muito na criança que foram, como se escrevessem para ela. Eles tentam, através de seu trabalho, um resgate da infância perdida, e assim vivem as sensações, o clima desse tempo. Muitos vão buscar características suas da infância e elaboram textos para esse tipo de criança; isto é, retomando o tema da criação como um ato comunicativo, percebemos o artista querendo se comunicar consigo mesmo, com a criança que foi e que de alguma maneira resgata na criação, recriando a realidade.

Eva Furnari fala da sua ligação com a imagem que acredita ter começado desde a infância: *“Eu não enxergava muito bem e não sabia. Eu tinha que usar óculos, mas naquela época nunca ninguém achava que a gente tinha que ir ao oculista. Então eu não usava óculos, e como não enxergava muito bem, não conseguia ler tão bem, então ficava mais ligada ainda à imagem”.*

Desde criança Eva se ligava mais à imagem do que o texto e de alguma maneira podemos ver que seu trabalho como ilustradora de muitos livros – e vários sem texto – pode ser uma referência a essa Eva menina que não conseguia ler as letras e vivia muito melhor no mundo das imagens.

Resumi aqui alguns aspectos que discuti em minha tese de mestrado defendida em 1996, que teve como objetivo pensar o ilustrador e o escritor de literatura infantil e juvenil como um artista no sentido mais amplo da palavra, lidando com as especificidades do seu fazer.



Luciana Sandroni é autora de *Minhas memórias de Lobato* (Companhia das Letrinhas, 1997, Il. Laerte, prêmio Ofélia Fontes, da FNLIJ, de 1997, e prêmio Jabuti de 1998), *Ludí na Revolta da Vacina*, (Salamandra, 1999, Il. Humberto Guimarães, prêmio Carioquinha e prêmio Ofélia Fontes, da FNLIJ, de 1999), *O Mário que não é de Andrade*, (Companhia das Letrinhas, 2001, Il. Spacca, prêmio “O Melhor Para o Jovem”, da FNLIJ, de 2001), entre outros.

Reflexões sobre leitura e LIJ. Fascículo nº 24

Parte Integrante do *Notícias 8 - vol. 25/2003*

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra

Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers